

Lei 7764



CÂMARA
MUNICIPAL
DE FORTALEZA

Trabalhando junto com o povo



DEPARTAMENTO LEGISLATIVO

DIGITALIZADO

EM: 08/11/00

Patricia Roberta
FUNCIONÁRIO

DATA 12 / 06 / 95

PROJETO DE LEI Nº 245/95

ASSUNTO: DENOMINA DE ANTONIO TEIXEIRA LEITE UMA ARTÉRIA DE FORTALEZA.

VEREADOR MAGALY MARQUES

LEI Nº 7764 DE 11 / 09 / 95

DIOM Nº 10697 DE 22 / 09 / 95

ARQUIVO 04.10.95



Lei: 077641995
Projeto: 02451995
Autor: MAGALY MARQUES
Assunto: DENOMINAÇÃO DE UMA ARTÉRIA



CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

LEI Nº 7764 - de 11 de setembro de 1995

Denomina Antônio Teixeira Leite, uma
artéria de Fortaleza

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA E EU SANCIONO A SEGUINTE
LEI:

Art. 1º - Fica denominada Antônio Teixeira Leite uma artéria de Fortaleza.

Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as
disposições em contrário.

PALÁCIO DA CIDADE, em 11 de setembro de 1995.


LUÍS ÁTILA DE HOLANDA BEZERRA
PREFEITO MUNICIPAL DE FORTALEZA



CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

A COMISSÃO DE LEGISLAÇÃO
JUSTIÇA E REDAÇÃO FINAL
DATA: 20... 1995... 1995...
[Signature]
Presidente

PROJETO DE LEI Nº

O PRESIDENTE DA COMISSÃO DE LEGISLAÇÃO URBANINHA
PROJETO DE LEI Nº 245/95
PARA COMISSÃO TÉCNICA DE
Urbanismo
EM: 21... 06... 95
[Signature]

COMISSÃO DE LEGISLAÇÃO
DESIGNADO VICE-PRESIDENTE
FEITOSA COMO RELATOR
Em 06/08/95
[Signature]
Presidente

DENOMINA DE ANTONIO TEIXEIRA LEITE UM ARTÉRIA DE FORTALEZA.

ACORDO EM DISCUSSÃO
08... 09... 95
[Signature]

A CÂMARA MUNICIPAL DECRETA:

Art. 1º - Fica denominada Antonio Teixeira Leite um artéria de Fortaleza.

Art. 2º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

10 08 95
[Signature]

SALA DAS SESSÕES DA CÂMARA MUNICIPAL EM 12 DE JUNHO DE 1995.

[Signature]
VEREADORA MAGALY MARQUES

10 08 95
[Signature]

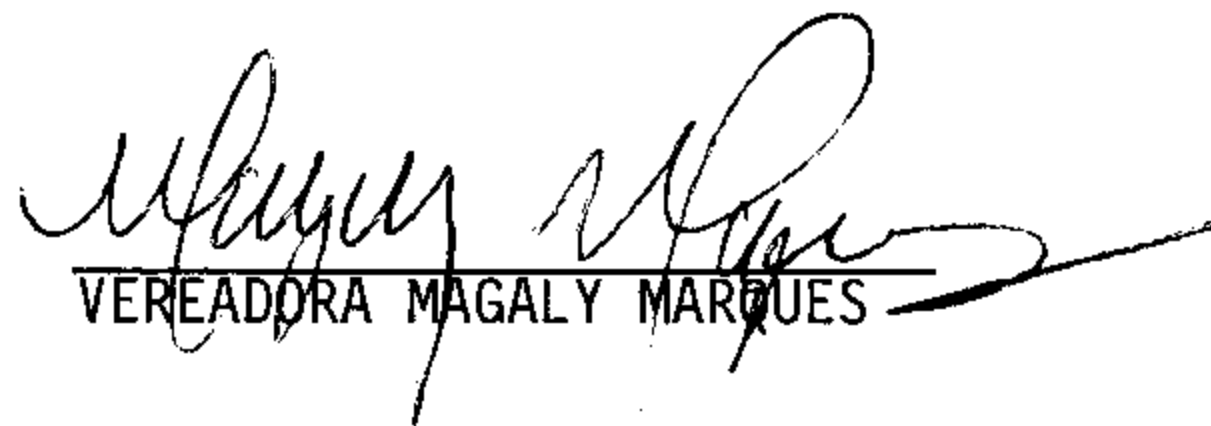
JUSTIFICATIVA

A iniciativa tem por objetivo homenagear uma figura histórica das mais significativas. Agente público e político, desempenhou os mais diversos encargos da administração estadual e municipal tendo se notabilizado, por nesse período, ter presenciado acontecimentos da mais alta relevancia para a história do Ceará e do Brasil: Ascensão e Queda do Cangaço, passagem da coluna Prestes e carreira política e obra social do Pe. Cícero.

Testemunha ocular e participante ativo nestes eventos, Antonio Teixeira Leite durante toda sua vida comportou-se como guardião e transmissor de toda um tradição oral



característica de sua região natal, o Cariri, cabendo-nos enquanto cearenses o dever de resgatar e homenagear sua imagem.


VEREADORA MAGALY MARQUES

DOSSIÊ ANTONIO DA PIÇARRA

Quando a escritora Aglae Oliveira em 1970 no seu livro "Lampião - Cangaço e Nordeste" considerou o seu Antonio da Piçarra o maior coiteiro de Lampião, já fazia a primeira homenagem a este cearense que tanto fez po este estado.

Nascido a 12 de abril de 1895 as 16 horas, em uma quarta-feira da semana santa, suas raízes tiveram origens da fazenda capimpuba do município de Icó quando sua avó Josefa Teixeira Sampaio viajou para o município de Porteiras e casa com o Sr. Antonio Tavares Leite e faz a sua prole nesta região. A filha do casal Vicença casa com o Paraibano Nicolau Rodrigues e ao seu caçula deram o nome de Antonio Teixeira Leite, o Antonio da Piçarra.

Morando na fazenda Piçarra no limite dos municípios de Brejo Santo, Jati e Porteiras ali fez sua vida e após 3 casamentos deixou 20 filhos, muitos netos, bisnetos e trinotos que seguiram contando suas histórias como a de sua amizade com o Padre Cícero e Lampião.

A amizade com Lampião nasceu em 1926 quando o Padre Cícero Romão Batista enviou dois parentes de lampião para se esconderem na Piçarra na sua proteção, pois os mesmos estavam sendo cassados pela policia do Ten Arindo. Poucos dias depois chega Lampião com mais de 50 jagunços de passagem para o Juazeiro. Depois disso sempre que vinha ao Ceará se hospedava na sua residência e daí nasceu uma grande amizade até que em 1928 houve o episódio do "fogo da piçarra" em que houve a perda do melhor dos homens da bando de lampião, o Sabino Gomes, e assim nasceu a inimizade entre ambos.

Antonio Teixeira é a história da passagem de Lampião pelo Ceará; acompanhou os passos e a vida do Pe. Cícero; das repercussões da coluna invicta de Carlos Prestes e Miguel Pereira no Ceará; Foi testemunha da força patriótica e da rendição de Juazeiro, enfim, faz parte da História do Ceará.

Assumiu vários cargos políticos como: 2 vezes delegado da cidade de Porteiras por 8 anos no governo paulo Sarazate; Vereador, Interventor, Secretario da camara municipal e das arrecadações.

Antonio da Piçarra conseguiu amizades e considerações dos seus pares e respeito de toda a população. A sua história vem passando de geração em geração e quando da sua morte em setembro de 1994, quando estava com 99 anos, foi decretado feriado na região do cariri oriental. Seu cortejo foi acompanhado por um grande número de amigos e admiradores que foram dar seu último adeus.

Para as famílias Teixeira, Tavares, Leite, Neves e Alves Pequeno já é motivo de orgulho tê-lo como parente. Agora é a vez da homenagem do Estado para imortalizar este nome, pois sua história e a sua pessoa já está imortalizado por todos que lhe conheceram.

Antonio Eusébio Teixeira Rocha

Lampião

As marcas do cangaço 55 anos depois

Antônio Piçarra, 98 anos - amigo, coiteiro e depois inimigo mortal de Lampião - e Maria Teresa da Penha, 110 anos, lavadeira do bando de Lampião, relembram episódios que marcaram a cena nordestina nos anos do cangaço. Em 28 de julho de 1938, Lampião, Maria Bonita e mais nove cangaceiros foram mortos pela polícia. Amanhã completa 55 anos da morte de Lampião.

A saga do maior cangaceiro que o nordeste brasileiro produziu continua viva até hoje na memória de seu povo. Virgílio Ferreira da Silva, o rei do cangaço, tão temido quanto poderoso por seu empenho, liderança e atrici- dades, quando de seu domínio sob a mesma tempo em que impregnou o imaginário popular com a febre e rebelia de seu bando, chamou a atenção para o estigma que domina toda uma gente miserável que habita a aridez do sertão nordestino.

Antônio da Piçarra é um dos poucos remanescentes desse tempo. Amigo, coiteiro e, mais tarde, inimigo de Lampião, Piçarra acabou se transformando em um retrato vivo das nuances e contradições apresentadas no período de quase duas décadas no



Antônio Piçarra, coiteiro e traidor de Lampião

As ligações de Antônio da Piçarra

Arquivo DN

ia a Juazeiro receber a patente de "Capitão" e se integrar às forças do governo para combater a coluna Prestes. A passagem do rei do cangaço pelo sítio foi o início de uma grande amizade entre ele e Antônio da Piçarra, que acabou se tornando um dos homens de confiança de Lampião, fornecendo até armas e munições ao seu bando.

Entre 1926 e 28, Antônio da Piçarra e Lampião tiveram uma convivência fraterna. Certa vez, ao voltar de Juazeiro onde havia passado para comprar armas e munição para o bando de Lampião - acampado nas proximidades do sítio de Piçarra - o coiteiro chegou e encontrou a polícia dentro de sua casa. Sob o comando do tenente Artindo Rocha, a polícia conseguiu colocar o guardião do rei do cangaço no canto da parede. "Ou você diz onde está Lampião ou a gente corta a sua cabeça e manda para o Governador."

Sem alternativa, Antônio da Piçarra aponta o local onde o grupo está acampado. Minutos depois, começava o tiroteio. O relâmpago se mis-

du-
Arte-
ran-
di-
ple-
s ce-
nte-
Cel-
h-
aci-
muita er-
vesten-
se orga-
va, que-
dinheir-
não esur-
Ter-
dá há m-
do t

e contradições apresentadas no período de quase duas décadas no primeiro meado deste século, em que se temia tanto o bandido como a própria polícia. Nascido como Antônio Teixeira Leite, atualmente com 98 anos de idade, Antônio da Piçarra traz na própria pele o que restou do cangaço.

Testemunha da presença de Virgulino e seus cangaceiros no Cariri, ele foi então uma das peças principais de uma das mais violentas batalhas que se sucederam entre a polícia e o bando de Lampião, o chamado "Fogo da Piçarra", durante o qual morreu o cangaceiro Sabino. Por força das circunstâncias, Antônio da Piçarra terminou traíndo o velho amigo a que tinha acobertado e escondido em diversas ocasiões. E acabou na mira do fuzil de um dos cabras de Lampião que havia jurado matá-lo depois que descobriu sua traição. Piçarra sobreviveu ao atentado contra sua vida para contar sua história e deixá-la para a posteridade.

Antônio da Piçarra foi um dos personagens que conquistou sua saga a ferro e fogo, um exemplo também de que as circunstâncias e o meio influenciam de forma determinante algumas vidas. Ele chegou a perder o nome de batismo, ganhando o o nome da terra onde nasceu, o sítio da Piçarra, localizado entre os municípios de Jatm e Brejo Santo.

Antônio Piçarra, coiteiro e traidor de Lampião

As ligações de Antônio da Piçarra com Lampião tiveram início em 1928, quando o Padre Cícero Romão Batista mandou que dois primos de Lampião, perseguidos pela polícia, recebessem a proteção do cearense em sua fazenda. Dias depois, no mês de março do mesmo ano, Lampião mandou um recado de que estaria seguindo para Juazeiro, a convite do Dr. Floro Bartolomeu e, passara pelo sítio da Piçarra.

No dia marcado, Lampião chegou ao sítio com mais de 50 homens. Antônio da Piçarra conta que, na noite anterior, cangaceiros e policiais participavam de um forró na cidade de Jati, numa prova evidente de que havia uma convivência da polícia com o grupo de Lampião.

Antônio da Piçarra lembra que os primeiros grupos de cangaceiros chegaram ao sítio às 8 horas da manhã. Lampião foi um dos últimos a chegar. "Eu não o conhecia, mas quando ele chegou, montado a cavalo, percebi que se tratava de Lampião. Era um homem alto, moreno, educado e calmo, que inspirava confiança. A primeira coisa que fez foi perguntar pelos primos e uma tia sua que moravam comigo."

O coiteiro mandou, na ocasião, matar um boi para alimentar o bando de cangaceiros. Lampião estava satisfeito porque

Antônio da Piçarra aponta o local onde o grupo está acampado. Minutos depois, começava o tiroteio. O relâmpago se misturava com o fogo dos fuzis. Neste momento - diz Antônio da Piçarra - seu coração doeu por ter traído o amigo, remorso que carrega até hoje: "Lampião era uma amigo sincero e leal, que não merecia ser traído. Não tinha outra saída, era eu ou Lampião", lamenta.

Quando o dia amanheceu - prossegue - a polícia voltou ao local do tiroteio. Encontrou manchas de sangue e os sinais de que Sabino, um dos mais famosos cangaceiros do bando, havia morrido. A informação era de que Sabino havia sido baleado e pediu para ser morto pelos companheiros. O corpo do cangaceiro nunca chegou a ser encontrado.

Com o desfecho da morte de Sabino, Lampião perdeu a confiança em Antônio da Piçarra e não mais voltou ao Ceará. Inconformado com a traição, prometeu matar o antigo amigo e coiteiro, preparando para isso várias emboscadas. "Em uma das emboscadas, cheguei a ficar na mira de um fuzil. Felizmente, todas elas falharam."

Antonio Vicelmo
Da Sucursal de Juazeiro

Mito e realidade

O cangaço deixou um rastro de horror no sertão nordestino das primeiras décadas do século. Bandido e policial caminhavam naquela época lado a lado, assaltando e violentando a população. Na risca do cangaceiro, o policial pressionava quem quer que encobrisse o paradeiro do bandido, que quando conseguia escapar das tocalas, marcava de morte o delator. Lampião, o maior cangaceiro da história do sertão nordestino, foi ao mesmo tempo algoz e vítima de sua própria sorte. Ele e seu bando deixaram um registro vigoroso no dia-a-dia dos 17 anos de cangaço e se destacaram entre os maiores cangaceiros de então. Não respeitavam nem mulheres nem velhos. E suas práticas eram cruéis ao extremo. Conta-se que Lampião tinha o costume de cortar os lábios dos defuntos, para

que depois de morto ficassem com o semblante sorrindo. Isso, entre outras maldades e a famosa pontaria, o deixaria para a posteridade com o cognome de rei do cangaço.

O terrível Virgulino Ferreira da Silva era natural da Paraíba. Mulato de estatura baixa, magro, semicorcundo, com o olho direito branco e cego escondido pelos óculos redondos e perdacentos, usava o típico chapéu de cangaceiro com correias e metal branco e, a tiracolo, estampava os dois pesados embornais de balas. Carregava, ainda, em seu embornal uma nomeação de capitão das tropas legalistas do Governo do Estado, no Ceará, patente concedida por esforço do Padre Cícero Romão Batista, com quem mantinha estreitas e controversas relações.

Nas quase duas décadas de cangaço, Lampião enfrentou a polícia

de sete estados em mais de cem combates, sempre favorecido pelo seu conhecimento nato de estratégias de combate e da topografia da região nordestina. Perdeu mais de 800 homens e matou uma média de 10 oficiais, duzentos cabos e sargentos, além de ter ficado notório por ter dado algumas baixas na famosa Coluna Prestes.

O bando de Lampião ganhou notoriedade, bem como sua mulher, Maria Bonita, com quem teve filhos, o último do qual ainda vivo e recentemente encontrado (João Peitudo) vivendo no interior cearense, no município de Juazeiro do Norte. A fama de Lampião não o livrou de ser perseguido e fuzilado pela polícia, junto com Maria Bonita e nove cangaceiros, em 28 de julho de 1938. A honra veio depois de morto, ele e o grupo com suas cabeças cortadas e expostas em museu.

não es-
Ter
dá há m-
rua da l-
não se c-
visitas d-
de perto
bando d-
se cans
por vári-
sou-se
calidar
distrito
qu o
sa, ho
do da
que c-
E
do di
objeti
Pinto
band
lava
man-
tão
pres
lemt
da n
era
de c-

19:
vek
ran
Co
cav
hor
a e
atr
co
vie
ba
de
(C
urr
niz

Antonio Lusébio Teixeira Rocha

Aos 99 anos, ele lamenta ter sido obrig Piçarra é a memór

"Lampião foi meu amigo. E amigo íntimo. Eu é que não soube ser amigo dele". É assim que Antônio Teixeira Leite, mais conhecido como Antônio da Piçarra, define o tipo de relação que teve com Virgulino Ferreira, o Lampião. Aos 99 anos, Antônio da Piçarra vive hoje na cidade de Brejo Santo, onde é admirado e respeitado pela população como uma espécie de lenda viva do cangaço. Mesmo tendo essa idade, ele é um homem completamente lúcido. Fala dos acontecimentos de mais de meio século atrás com uma espantosa precisão nas datas, nomes e episódios.

Na verdade, quando ele diz que não soube honrar a amizade de Lampião, não está sendo verdadeiro por completo. Certamente ninguém, nas circunstâncias em que ele se encontrava, deixaria de fazer o que ele fez. Numa das vindas de Lampião à sua casa, tendo a Polícia chegado primeiro, ele foi obrigado, sob pena de morrer, a cooperar com os policiais. Era a nova política de Getúlio Vargas que estando à frente dos destinos do País, depois da chamada Revolução de 30, definiu que a forma de pôr um fim no banditismo, era matar os apoiadores dos cangaceiros e prender a chamada "arraia miúda". Antônio da Piçarra encontrava-se na primeira categoria.

A entrada dele na contenda ao lado de Lampião também não aconteceu por vontade sua. É que um proprietário de terras de nome Horácio Novaes, entrou no bando de Virgulino com o objetivo de matar um primo seu. Logo em seguida, Novaes escreveu

a Antônio da Piçarra exigindo dinheiro em troca de tranqüilidade. Do contrário, Novaes ameaçava tomar as terras dele.

Antônio da Piçarra já havia decidido procurar outro lugar para viver, mas resolveu consultar o Padre Cícero, em Juazeiro do Norte. Dele recebeu o conselho de não abandonar as terras e também não enviar o dinheiro exigido por Novaes. Padre Cícero sugeriu ainda que Antônio da Piçarra mandasse uma carta delicada, onde deveria explicar que não dispunha do dinheiro, mas colocava-se à disposição de Novaes. Assim foi feito. O conselho de Padre Cícero tinha razão de ser. Se Antônio da Piçarra enviasse o dinheiro, logo Novaes iria exigir outros bens, o que certamente só terminaria quando as terras fossem entregues também.

Já no cangaço, Lampião teve um dos seus primos mortos pelos Nazarés, uma família que rivalizava com Virgulino. A família de Lampião veio, então, a Juazeiro do Norte pedir apoio ao Padre Cícero que, inteligente, numa prova inequívoca de que sabia tirar proveito das contendas entre os bandos em disputa, sugeriu que Antônio da Piçarra acolhesse os parentes de Lampião que sabendo da acolhida dada por Antônio da Piçarra a sua tia e a seus primos, e após tomar conhecimento das ameaças e chantagens que um dos integrantes do seu bando, Novaes, estava fazendo ao seu novo amigo, resolveu expulsá-lo do seu bando. Novaes formou o seu próprio grupo, integrado por ele e mais 12 homens, que foram di-



Rifle e bacamarte

Antônio da Piçarra tomou-se ami-

zinhos pela Polícia de Pernambuco, na cidade de Floresta. Foi daí que surgiu a amizade entre Antônio da Piçarra e Lampião.

Livres das ameaças de Novaes, Antônio da Piçarra diz que ainda ficou sem conhecer pessoalmente Lampião por cerca de seis anos.

O encontro entre os dois aconteceu quando Lampião foi convidado a vir a Juazeiro do Norte. O convite tinha uma razão muito especial. É que Floro Bartolo-

ado a entregar Lampião para não morrer ia viva do cangaço



go de Lampião depois que acolheu um primo e uma tia de Virgulino

meu, líder político e braço direito de Padre Cícero, achou que poderia usar os serviços de Lampião para combater os chamados revoltosos, que nada mais eram do que a Coluna Invicta de Luiz Carlos Prestes e Miguel Pereira. Em troca, Lampião receberia a patente de capitão da Força Patriótica de Juazeiro do Norte e seria anistiado. Antônio Ferreira, irmão do cangaceiro, deveria receber o posto de 1º tenente, cabendo ainda o posto de 2º tenente para Sabino, o integrante mais

destacado do bando de Virgulino Ferreira.

Mas um fato inesperado modificou os acontecimentos relativos a visita de Lampião a Juazeiro do Norte. O seu anfitrião, Floto Bartolomeu, segundo Antônio da Piçarra, adoeceu, sendo conduzido às pressas para Fortaleza e, depois, para o Rio de Janeiro, onde veio a falecer. Lampião, então, apresentou-se a Padre Cícero que lhe sugeriu a visita de agradecimento a Antônio da Piçarra, até porque o pa-

dre queria ver-se livre do bando de cangaceiros. Só então, deu-se o encontro entre os dois. Na visita, Lampião e mais 40 dos seus homens, foram recebidos por Antônio da Piçarra que abateu um boi para os cangaceiros. A festa foi engrossada pelos homens da Força Patriótica de Juazeiro do Norte.

Antônio da Piçarra, exibindo uma prodigiosa memória, mesmo do alto dos seus 99 anos, diz que Padre Cícero sugeriu que Lampião depusesse as armas e fosse para o Mato Grosso, onde, com os seus homens, encontraria terras onde poderia trabalhar. Lampião alegou que estava sem dinheiro. Padre Cícero, segundo Antônio da Piçarra, deu ao cangaceiro 40 contos de réis. Lampião concordou com o plano, mas condicionou a sua aceitação à mudança do trajeto e a deposição das suas armas para o coronel Pedro da Luz, em Bom Jesus da Lapa, na Bahia. Padre Cícero havia sugerido o rumo do Piauí e disse que Lampião morreria se fosse por Pernambuco. É que as forças legalistas estavam para aquelas bandas e, fatalmente, iriam enfrentar Lampião. Teimoso, Virgulino Ferreira, foi pelo seu próprio caminho e deu de cara com as forças policiais. Voltou a Juazeiro por cima do próprio rastro e contou o ocorrido a Padre Cícero. Segundo Antônio da Piçarra, Padre Cícero benzeu Lampião que disse querer "entregar a carne para a terra que o viu nascer". Durante alguns anos ele vagou com seu bando pelo Nordeste até encontrar a morte em Angicos, no Estado de Sergipe.

panha tas ese

sua avaliação a Igreja de suas possibilidades, dando o seu papel, fazendo a sua parte. E já começa a mostrar resultados positivos. Ele é o responsável pela Escola de Artesanato que reúne dezenas de artistas e artesãos que têm trabalho para o sustento da família. Grande parte da produção artesanal é exportada, principalmente para países da Europa.

visitas pastorais, um padre sempre acompanha os grupos. Os sacerdotes levam fé e otimismo para as comunidades carentes e detidas. "As visitas pastorais em todos os municípios da região são um fato considerado muito importantes para que os grupos possam sair de uma situação de pobreza e prostituição e possam dar uma luz para o futuro e contrarem com Deus", afirma Adélio.

lanejar adas

envolvido no convênio de cooperação técnica entre o DERT e a Universidade Federal do Ceará.

montagem de tráfego, o Estado dividido em cinco regiões para possibilitar melhor controle na fiscalização dos trabalhos. Foram instalados 256 postos em zonas urbanas e de cobertura diária de 35 km. Ao todo são 187 pessoas envolvidas na pesquisa de campo, distribuídas na seguinte ordem: 35 em quatro pesquisadores; 10 de região e um coordenador. Da parte da fiscalização, há cinco chefes de região e um coordenador geral.

Morre com Antonio Leite uma parte da história do cangaço

Brejo Santo (Sucursal/Crato) - Aos 99 anos, faleceu em Brejo Santo o agropecuarista Antônio Teixeira Leite, conhecido por Antônio da Piçarra, que entrou para a história do cangaço do Nordeste como um dos maiores amigos e inimigos de Lampião. Ele foi, nos últimos anos, a principal fonte de informações sobre as passagens de Virgulino Ferreira no Cariri, nos anos de 1926 e 1927. Sempre que vinha a Juazeiro, Lampião e seu grupo se hospedavam na sua casa, na fazenda Piçarra, localizada à margem da BR-116, entre Jati e Brejo Santo.

Antônio da Piçarra se tornou compadre de Lampião. Foram grandes amigos. Quando o grupo de cangaceiros passava na sua fazenda, era uma festa. Em 1927, numa das últimas visitas de Lampião ao Cariri, o bando foi cercado pela Polícia nas proximidades da casa de Antônio. Foi um dos maiores tiroteios com o grupo de cangaceiros. No chamado "fogo da piçarra" morreu o cangaceiro Sabino Gomes, um dos mais valentes do grupo. Em entrevista, Antônio da Piçarra recorda que era noite de chuva e relâmpago. Lampião conseguiu furar o cerco, mas nunca lhe perdoou pelo fato de a Polícia ter descoberto o acampamento. Prometeu matá-lo, ficando Antônio na mira de um dos cangaceiros do bando que veio da Bahia, a mando de Virgulino.

Apesar da inimizade com o "rei" do cangaço, ele tinha o

maior respeito por Lampião. Fazia questão de ressaltar a qualidade de Virgulino como um homem leal. Nas entrevistas que concedeu a revistas e jornais, nunca detratou Lampião. Ao contrário, justificava que a sua inimizade com o cangaceiro foi circunstancial: ele foi praticamente obrigado pela Polícia a se afastar de Lampião.

O pesquisador Hilário Luceti, que está escrevendo um livro sobre o cangaço, conta que naquela época não existia diferença entre cangaceiro e policial. No caso de Antônio da Piçarra, ele foi obrigado a ser amigo e inimigo de Virgulino. Não existia outra opção para os fazendeiros do Nordeste. Com a morte de Antônio da Piçarra, desaparece um testemunho vivo da história. Inteligente, conversador e honesto, ele era uma verdadeira enciclopédia que armazenava histórias marcantes sobre a passagem de Lampião pelo Cariri, a caminho de Juazeiro, onde ia receber as bênçãos do Padre Cícero!

Antônio da Piçarra foi, sobretudo, um sertanejo valente, honesto e sincero que exerceu funções importantes na região. Foi vereador, delegado de Polícia, chefe político no município de Porteirias. Seu sepultamento foi realizado ontem à tarde, em Brejo Santo, onde o cortejo concentrou bom número de amigos e familiares.



O Programa de Difusão Tecnológica está sendo discutido, nos seus últimos detalhes, para ser implantado ainda este mês, no Ceará, abrangendo, inicialmente, 30 municípios. Representantes de 23 cidades estiveram reunidos na última quarta-feira, na

sede da Amece, com os dirigentes do COMDETEC e da Secretaria de Ciência e Tecnologia, ocasião em que discutiram datas, horários, número de participantes e outros detalhes dos cursos que formarão profissionais no interior do Estado, objetivando gerar emprego e renda. O Programa de Difusão Tecnológica tem como áreas prioritárias a construção civil, técnicas agrícolas, alimentos, química, mecânica, eletro-eletrônica, geofísica, entre outras.

Para ele Lampião tinha muito mais r...
Ancião achava not

Nas idas e vindas de Lampião pelo sertão nordestino, uma vez ele retornou a Piçarra, fazenda de Antonio Teixeira Leite. A Polícia chegou primeiro. Bem armada e com um número grande de integrantes em suas fileiras, a força policial foi curta e grossa com Antonio da Piçarra. Ou ele entregaria Lampião ou seria morto, segundo o decreto de Getúlio Vargas. Sem alternativa, Antonio da Piçarra diz que só lhe restou colaborar com a Polícia. Como Lampião ficou sabendo que os policiais estavam no seu encalço, resolveu acampar no Sítio Sossego, mas pediu que Antonio da Piçarra fosse a Juazeiro do Norte lhe comprar mantimentos e munição.

Antônio da Piçarra conta que protelou a entrega do material a Lampião até que a força policial estivesse pronta para o ataque, que aconteceu numa noite chuvosa. Na batalha, Lampião perdeu o melhor dos seus homens, o cangaceiro Sabino, que foi alvejado pelos policiais quando resolveu subir na parede de um açude para observar as posições dos policiais. Quando Arlindo chegou no topo da parede, um relâmpago abriu e ele foi visto pelos policiais que o crivaram de balas. Lampião conseguiu furar o cerco e fugir, mas deixou nas terras de Antonio da Piçarra en-



Alto lá!

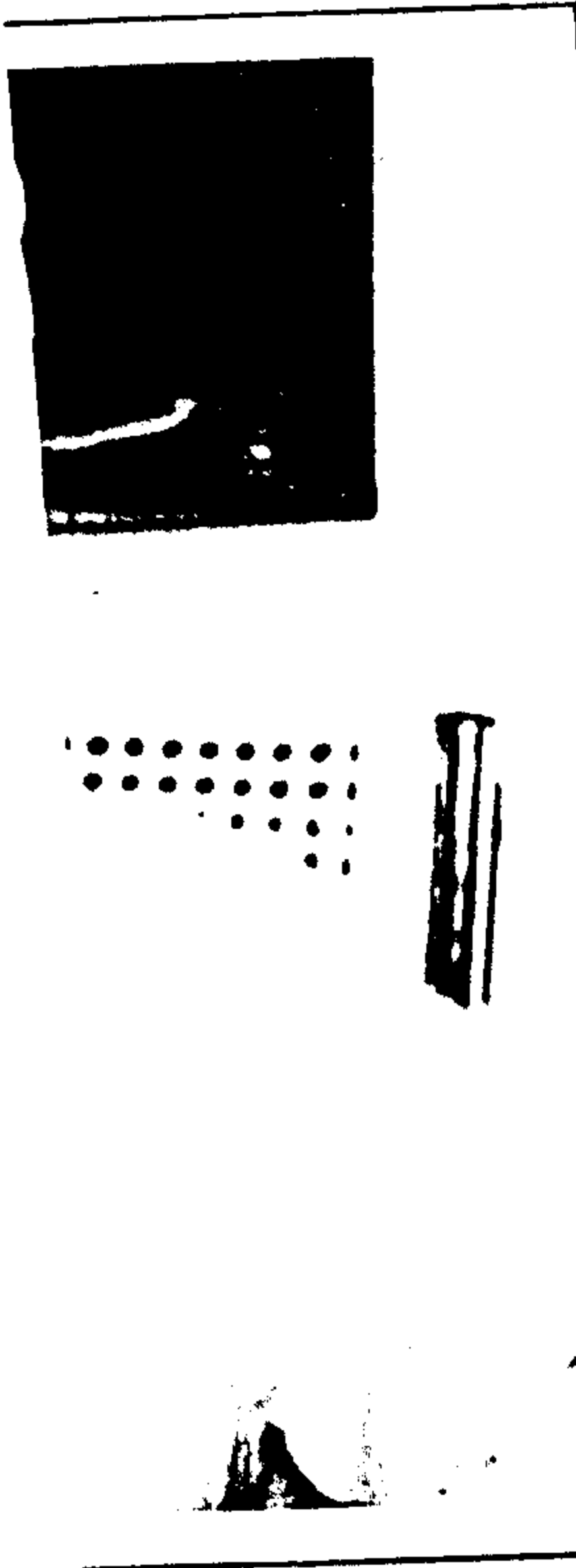
Ilton Teixeira exige respeito da imprensa para com o seu pai

terrado o corpo do seu melhor cangaceiro. Antonio da Piçarra conta que somente soube da morte de Arlindo e que o corpo do cangaceiro havia sido enterrado em suas terras seis anos depois. Durante todo esse tempo, viveu um clima de permanente terror, temendo ser morto a

mando de Lampião.

Tentativas para eliminá-lo, partindo de Lampião, não faltaram. Virgulino chegou mesmo a apelar para um cangaceiro de Juazeiro do Norte, conhecido como Moreno, mas não teve êxito, para a felicidade de Antônio da Piçarra. Ainda vaidoso,

espeito pelas mulheres que os policiais ores os cangaceiros



cia, Antônio da Piçarra preferia mesmo era ter ficado do lado de Lampião. Enquanto fala do cangaceiro, é visível o seu estado de euforia. A simpatia pelos cangaceiros é evidente. "Lampião tinha muito respeito pelas mulheres. Uma vez ele deu uma coronhada em Sabino, o melhor dos seus homens, e perguntou se eu queria que ele o matasse ali mesmo no chão, pelo simples fato de que Sabino havia faltado com o respeito a uma das moças que trabalhava ajudando lá em casa", conta. Ele revela que a disciplina era muito maior entre os cangaceiros que entre os policiais e que o povo temia mais a Polícia que os cangaceiros.

Nos seus 99 anos, Antonio da Piçarra teve três mulheres e um total de 20 filhos legítimos. Os ilegítimos ele não sabe calcular. Confessa que as coisas de que mais gostou em toda a sua vida são "os cavalos, os bois e as mulheres". Indagado se ainda seria capaz de namorar uma garota jovem, ele dá uma gargalhada e diz: "Não, meu filho. O corpo não atende mais. A coisa fica agora somente no pensamento". Mas isso foi de pouco tempo para cá, pois até os 93 ou 94 anos ele ainda tinha fama de namorador. Mesmo agora, os filhos tiveram de trazê-lo da fazenda para a cidade com medo de algum acidente, já que ele ainda montava a cavalo.

Antônio da Piçarra diz que era muito bom atirador, mesmo afirmando que nunca matou ninguém, embora tenha participado de batalhas onde vários adversários seus perderam a vida.

Curioso é que, mesmo sendo forçado a colaborar com a Polí-

Jornalista usou termos pesados

O orgulho do povo de Brejo Santo em relação a Antonio da Piçarra é notório. Tanto ele, quanto a sua família são muito respeitados. Um dos seus filhos, José Ilton Teixeira, advogado, ocupa a Secretaria de Governo da Prefeitura de Brejo Santo. Numerosa, a família faz tudo para preservar a imagem do patriarca. A imprensa, embora muito bem recebida, é sempre advertida para o fato de que Antonio da Piçarra não é "um cangaceiro traidor ou um coiteiro de Lampião", como diz Ilton Teixeira.

Recentemente, o jornalista Antonio Vicelmo escreveu uma longa reportagem onde empregou esses adjetivos em relação a Antonio da Piçarra. A família não gostou e diz que ele não é mais bem-vindo à residência do patriarca. "Ele usou o meu pai e o pintou como uma pessoa ruim e por isso não goza mais do nosso respeito", afirma Ilton Teixeira.

Mas toda essa confusão passa ao largo de Antonio da Piçarra. "Eu não me importo com essas coisas não, meu filho. Já estou muito velho para ligar para isso. Eu acho é bom", diz ele num tom de quase gozação. Vaidoso, ele não se importa de contar as suas peripécias da época do cangaço. Embora muita gente tenha uma imagem do cangaço como sendo um fenômeno social cujos personagens seriam oriundos das camadas pobres e injustiçadas da população, a verdade é exatamente o oposto. Antonio da Piçarra conta que os chefes dos bandos de cangaceiros eram todos grandes fazendeiros. Os peões eram apenas uma espécie de recrutas.

ANDANÇAS E LUTAS NO CEARÁ

Essa simpatia do capitão pelo Ceará não o afastou de enfrentar e responder aos ataques de que foi vítima nas suas correrias por esse Estado. Três dias depois da sua visita a Limoeiro, foi forçado a responder a um renhido tiroteio. Os cangaceiros estavam abrigados no serrote do Roda, quando pressentiram que as forças cearenses, sob o comando do tenente Pereira, localizaram o "rancho" e trataram de responder ao fogo que, nessa altura, teve início com o cerco da tropa. Os bandidos, desmontados, agacharam-se e tentaram galgar as encostas do serrote.

Os cavalos debandaram desenfreados e, com êles, roupas, arreios, armas, comida e água nas cabaças e bo-gós. Tomaram destino ignorado. Os bandidos fugiram a pé, desesperados, sedentos e esfomeados. Os soldados não lhes davam tréguas. Prosseguiram no seu encaço. A 25 de junho as tropas alcançaram os cangaceiros entre Macambira e Vaca Morta. Os bandoleiros, encurralados, fizeram frente ao inimigo. A fuzilaria durou de 6,30 da manhã às 7,30. Os tiros cessaram. Houve curto descanso. O grupo não se retirou. A tropa reiniciou o ataque. Os cabras, exaustos ainda, brigaram 30 minutos. Cerca de 300 homens da força do tenente Firmo atacaram o grupo em número inferior. Os bandidos tomaram posição em uma linha de duzentos metros. Morreram quatro praças e saíram feridos o tenente Pereira e cinco soldados. O grupo fugiu. Os soldados não pressentiram a fuga e continuaram atirando por algum tempo. As tropas cearenses, sob o comando do major Moisés, encontraram-se com um reforço paraibano comandado pelo tenente João Costa. Os bandidos continuaram a caminhada, rumo ao Cariri, sofrendo ataque nos lugares Velame e Felicidade. Descansaram nos serrotes de Aurora, protegidos por amigos. Lampião passou dois meses repousando no serrote Candinho. Na continuidade de suas andanças, passaram por Carrapateira. As estradas encontravam-se empiquetadas e Lampião enfrentou um pequeno tiroteio em Ipueiras, onde recebeu munição. Nesse Estado, recebia misteriosamente tudo de que necessitava para enfrentar os combates, na sua vida de bandido. Os ataques para liquidá-lo

foram frustrados. Sua resistência física impressionava as forças volantes, que, entrincheiradas, empregavam várias modalidades de ataque. Lampião estropiado, faminto, desprovido de munição e sem montaria. Para espanto de todos, passava apenas alguns dias nessa situação. Em Lavras, aparecia bem montado, equipado e municiado, após um breve descanso em Tipi, ou Aurora, tratando dos ferimentos dos seus companheiros.

FOGO NA PISSARRA *Antônio Lusébio Teixeira Rocha*

Antônio da Pissarra, fazendeiro e ainda residente na Pissarra, município de Brejo Santo, traiu Lampião. O tenente Alencar e o cabo Botoque comandavam um grupo de soldados. Passando pela Pissarra souberam do esconderijo de Lampião. Tiveram sua atenção voltada para um vazerio dentro do mato. Os rastros visíveis denunciavam os cangaceiros reunidos. O cabo atirou. Os cabras, fugindo, responderam ao ataque. Contornando a serra do Logradouro, o sargento Arlindo Rocha comandava uma tropa e travou com o grupo de Lampião um combate que durou alguns minutos. Os bandoleiros gritavam desesperadamente e bateram em retirada, deixando vários companheiros mortos. Lampião depositava inteira confiança em um velho amigo de Missão Velha, o proprietário Isaiás Arruda. As pessoas que mantinham relações de amizade com Isaiás sabiam da consideração existente entre ambos. Lampião, além de perseguido, via alguns companheiros valentes padecendo de graves ferimentos, em combates com as forças cearenses; solicitou a Isaiás refúgio em sua fazenda. O proprietário atendeu ao pedido do capitão. Anunciada a hora do almoço, os bandidos agruparam-se em círculos, no pátio da casa-grande. Toda a comida estava envenenada. O tóxico foi pôsto em pequena dosagem. Uma nuvem de fumaça do fogo que Isaiás mandou atear em volta do bando salvou os cangaceiros, que se serviram pouco da comida envenenada e trataram de fugir, correndo pelas labaredas, que crepitavam na "Manga". Meses depois, Lampião vingou-se, incendiando a fazenda. O capitão Virgulino foi à Baixa do Icó e procurou notícias sobre o paradeiro das tropas. Subiu a ladeira do Araripe e inter-

EUSEBIO

Nertan Macêdo

***Capitão
Virgulino
Ferreira
Lampião***

PREFÁCIO DE ADONIAS FILHO
CAPA DE ELLEN SPORER

Editôra Leitura S. A.

DE NERTAN MACÊDO:

- "Caderno de Poesia", 1949, Editôra A Noite
- "Cançãoeiro de Lampião", 1959, Leitura
- "Rosário, rifle e punhal", 1960, Leitura
- "O Padre e a Beata", 1961, Leitura

A SAIR:

"As Orações de Antônio Conselheiro"

Antônio Eusébio Teixeira Rocha

Isaias era um chefe político do Cariri, natural da cidade de Aurora. Depôs, à bala, um seu colega de Missão Velha, o coronel Sinhô Dantas, apoderando-se do mando. Era, ademais, pessoa de confiança do então governador do Estado, o finado desembargador Moreira.

Coiteiro de Lampião, o coronel Isaias supria o grupo de armas e munições. A trôco dêsse material bélico, recebia de Virgulino adiantamentos em dinheiro, grossas quantias.

Dessa feita, no entanto, Lampião mandou-lhe um recado: que chegava para acertar as contas, apanhar a munição comprada e receber o saldo em dinheiro, mensagem que não agradou o poderoso chefe cearense. O qual, era notório, obtinha as armas da própria polícia do Estado, graças ao seu prestígio.

O coronel deixou Lampião estacionar na "manga" e preparou a cilada: de surpresa, mandou tocar fogo ao redor do mato de maneira "a torrar" a quadrilha no incêndio que se propagava.

Lampião, porém, logrou escapar, rumando na direção sul, atravessando para Pernambuco.

Nessa fuga, prendeu o fazendeiro Pedro Vieira, dono da propriedade "Apertada Hora", matando-o nas proximidades da localidade de Tabatinga.

Dai caminhou até "Ipueiras", fazenda de Pedro e João Xavier, disposto a roubar a mulher do segundo, de nome Mariinha, que tinha dinheiro.

Chegou a mandar aviso do que se propunha a Pedro e João Xavier, que assim tiveram tempo de preparar a defesa, repelindo o ataque com decisão, apesar da inferioridade numérica com que contavam os fazendeiros. Lampião perdeu na "Ipueiras" o "cabra" Tempêro, matando, nessa mesma incursão, algumas pessoas, entre as quais Francisco Chicote e sua família, Aprígio e Manoel Vicente, João Lobo e Raimundo Bastos.

Foi quando interveio o coronel Francisco Romão, um Sampaio da Serrita, parente dos Xavier, o qual, aviado em tempo, correu em socorro da família, dando uma bonita retaguarda no bando do Capitão que se retirou em marcha forçada para os socavões da Bahia. O coronel Chico Romão mandou dizer a Virgulino que, daí por diante, em vinte léguas ao redor de Serrita, estava proibido de aparecer.

Dêsse episódio ocupou-se mestre Athayde, narrando a morte de Francisco Chicote e seus familiares:

"Como tôda sua família
Foram mortos afinal
Um diz que foi Lampião
Porém eu li no jornal
Que foram assassinados
Pela tropa de soldados
Da fôrça policial.

O prefeito Joaquim Inácio,
Contou aos jornais de lá
Os quais mandaram a notícia
Para os diários de cá
Que o culpado sômente
Foi o Bezerra, tenente
Da fôrça do Ceará".

MAS HÁ quem dê versão diferente a êsse episódio acontecido no Ceará. Porque não era só Isaias Arruda quem protegia Lampião no Estado. Havia também Antônio Santana, em Missão Velha, na Serra do Matos, e Antônio Piçarra de Brejo Santo, em cujo sítio o cangaceiro foi cercado por uma volante do tenente Arlindo, pernambucano, perdendo ali o seu famoso lugar-tenente, Sabino Gomes.

Havia, além do mais, o próprio padre Cícero Romão Batista, de quem Fernandes Távora, em suas memórias, conta o seguinte: "... numa das vezes que Lampião estêve no Juazeiro recebeu do padre Cícero, ajoelhado a seus pés, um cartão, concebido nestes termos: "Senhores engenheiros da fábrica do côco babaçú, em Maranhão. É portador do presente o Sr. Virgulino Ferreira, com outros companheiros, que peço colocá-los em seus trabalhos, pelo que agradece o velho sacerdote Padre Cícero. Logo após, disse a um seu amigo: "Homem, acabei de converter Lampião. Ele vai-se colocar nos trabalhos da usina de côco babaçú, no Maranhão, e lá ninguém o perseguirá, e está o homem regenerado!" — E sublinhou essa declaração com um sorriso de vitória. Padre Cícero, entretanto, nem sequer conhecia os tais engenheiros aos quais se dirigira, solicitando a colocação do cangaceiro e seus sequazes, e nem mesmo sabia onde estava localizada a usina a que se referia. Estava certo, porém, de que seria imediatamente atendido e que ninguém tocaria nos seus recomendados. . . ."

Dos coiteiros de Lampião, no Ceará, o mais curioso e conhecido foi mesmo o coronel Isaias Arruda. Pena é que sejam poucas e vagas as informações a respeito do coronel. Sabe-se que era natural de Aurora, mestiço de condição humilde. Foi servente de pedreiro, no comêço da vida, chegando depois a delegado de polícia de Missão Velha, donde passou à política, escorraçando o chefe tradicional da terra, coronel Sinhô Dantas.

Prefeito de Missão Velha, cercado de cangaceiros, amigo de Lampião, Isaias dominou o município sul-cearense com mão de ferro, até sua morte, assassinado dentro de um trem, quando voltava de uma viagem a Fortaleza, no tempo do govêrno Matos Peixoto.

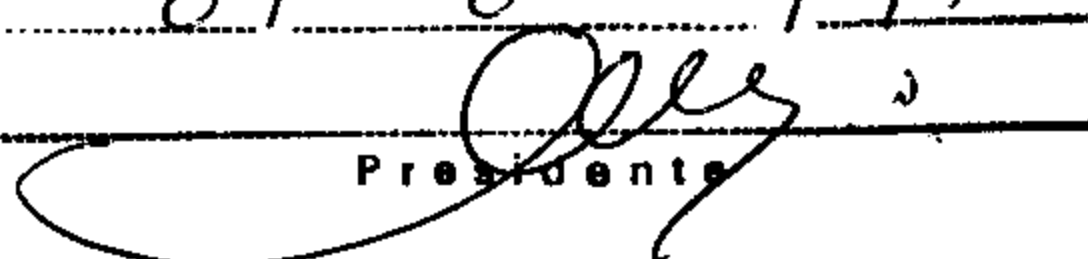
O coronel acoitava Virgulino na serra do Matos, ex-Goianinha, hoje Jamacarú. Também na fazenda Ipueiras, em Aurora, de propriedade do seu primo José Cardoso. Foi dessa fazenda que Lampião partiu para o assalto a Mossoró.



**CÂMARA MUNICIPAL
DE FORTALEZA**

COMISSÃO DE URBANISMO

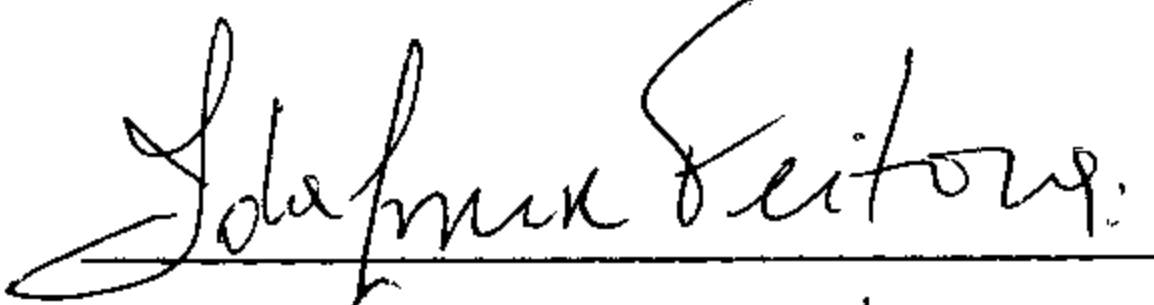
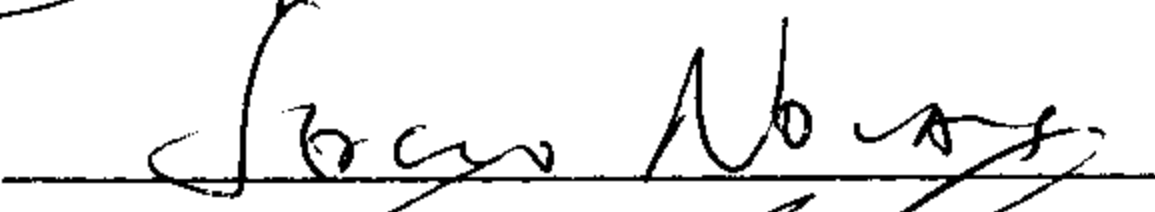
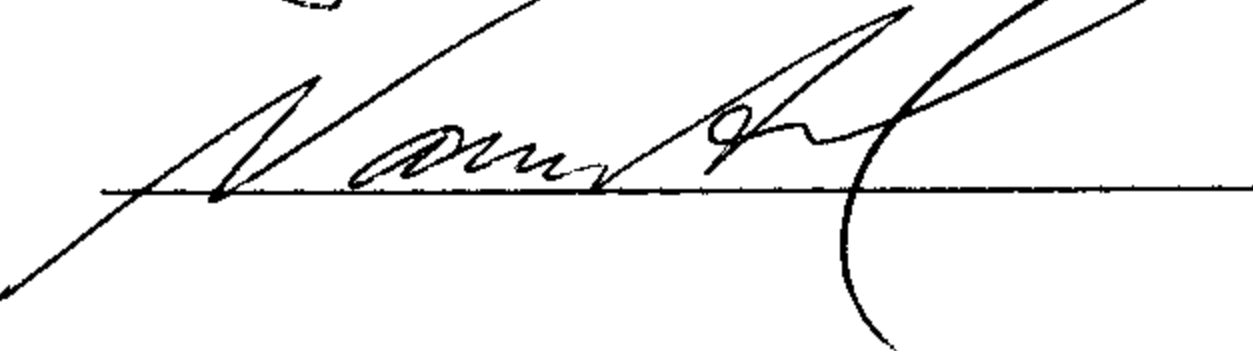
PARECER Nº 43 /95
AO PROJETO DE LEI Nº 245/95


A ORDEM DO DIA
08 / 08 / 1995

Presidente

A Vereadora Magaly Marques submeteu a apre-
ciação do Plenário desta Casa o incluso Projeto de Lei que "Denomina
de Antonio Teixeira Leite, uma artéria de Fortaleza".

Nada encontrando que o impossibilite, somos
favoráveis a aprovação da matéria.

Sala das Sessões das Comissões Permanentes
Câmara Municipal de Fortaleza, em 02 de agosto de 1995.

 RELATOR



 PRESIDENTE



**CÂMARA MUNICIPAL
DE FORTALEZA**

COMISSÃO DE REDAÇÃO FINAL

A COMISSÃO DE REDAÇÃO FINAL DÁ A SEGUINTE REDAÇÃO AO PROJETO DE LEI Nº 245/95

A ORDEM DO DIA

15/08/95
July 7
Presidente

Denomina de Antonio Teixeira Leite uma ar
téria de Fortaleza.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA:

APROVADO
EM 15/08/95
July 7
Presidente

Art. 1º - Fica denominada de Antonio Teixeira Leite uma artéria de Fortaleza.

Art. 2º - Esta lei entrará em vigor na da
ta de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

SALA DAS SESSÕES DAS COMISSÕES PERMANENTES
DA CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA, EM 14 DE agosto DE 1995.

119
Abel Ferrer PRESIDENTE
[Signature]
[Signature]
[Signature]



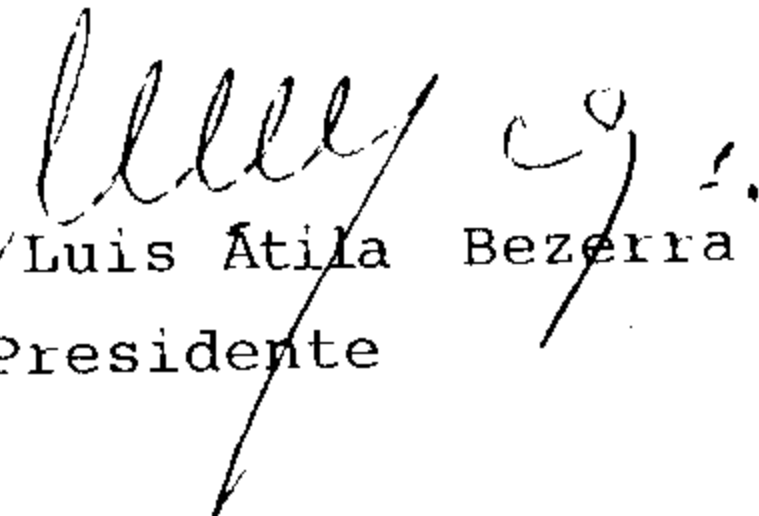
CÂMARA MUNICIPAL
DE FORTALEZA

Ofício nº 1482 /ZFA/95.

Fortaleza, 16 de agosto de 1995.

Senhor Prefeito:

Na conformidade do artigo 47 da Lei Orgânica Municipal, tenho a satisfação de encaminhar a V.Exa., o presente autógrafo de Lei aprovado por esta Câmara, de autoria do vereador **MAGALY MARQUES**, que "**DENOMINA DE ANTÔNIO TEIXEIRA LEITE UMA ARTÉRIA DE FORTALEZA**".


Vereador Luis Átila Bezerra
Presidente

Exmo. Sr.

Dr. Antônio Elbano Cambraia
Prefeito Municipal de Fortaleza
Nesta